

Identidades Profissionais Docentes – na “desordem” construindo uma “nova ordem”¹

*Paulo Marinho*²

Resumo: Este artigo assume como objetivo principal discutir e analisar reflexivamente a identidade profissional docente dentro de um quadro epistemológico que oferece a possibilidade de constatar e caracterizar o cenário societal que vivemos. Neste contexto, este cenário é consignado por processos identitários críscos em várias dimensões e contextos – entre uma “desordem” estabelecida e uma “ordem” desejada. É dentro deste quadro reflexivo e assumindo o contexto escolar como espaço situacional de processos de formação contínua assente em percursos metodológicos de investigação-ação que propomos a possibilidade de emergência da (re)construção de “novos” percursos identitários profissionais docentes.

Palavras-Chave: Identidade profissional docente; formação contínua; investigação-ação.

Introdução

A desordem do mundo atual, provocada pela crise da modernidade que absorveu várias dimensões da ordem social até aí estabelecida, importou consigo uma crise que linearmente afetou todos os contextos sociais, pessoais, individuais e profissionais (MARINHO; CARVALHO, 2014). Em consequência, as instituições constituídas por indivíduos, são palco de crises mutantes que dificilmente parecem encontrar a ordem que inicialmente as orientava. A escola juntamente com os professores, outrora protagonistas da transmissão de uma homogeneização e

¹ **Nota do Editor:** optamos por manter as acentuações tônicas próprias do português de Portugal, bem como as idiosincrasias próprias dessa variação do idioma, em respeito ao autor.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal, membro colaborador da Equipe de Investigação do Centro de Investigação e Intervenção Educativa (CIIE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal – pmtmarinho@fpce.up.pt ; Bolsista CAPES (PósDoc na Universidade Federal de Alagoas, Brasil).

hierarquização social, é imersa nesta crise global que afeta tudo e todos. As identidades profissionais docentes que se desenvolvem entre um passado e um presente vão-se projetando num futuro no qual a odisseia já se iniciou. Neste caminhar tumultuoso procura-se construir uma nova identidade profissional, na qual a escola torna-se um lugar de identidade, onde os professores assentes numa base de colaboração através de um processo de investigação-ação, transformam-se em profissionais reflexivos, sendo a formação contínua³ um pilar essencial para a concretização destes pressupostos, alcançando assim o êxito da mudança e construção de “novas” identidades.

A desordem e a(s) crise(s) no cenário sociétal e global

O desenvolvimento já não é a série de etapas através das quais uma sociedade sai do desenvolvimento e a modernidade já não sucede à tradição; tudo se mistura; o espaço e o tempo são comprimidos. Em vastas partes do mundo; os controlos sociais e culturais estabelecidos pelos estados, pelas igrejas, pelas famílias ou pelas escolas, enfraquecem, e a fronteira entre o normal e patológico, o permitido e o proibido, perde a nitidez (TOURAINÉ, 1998, p.13).

Num momento em que a desordem parece dismantelar a ordem e mostra a sua face revelando-se como impulsionador de possíveis novas ordens, sentimo-nos traídos pela ordem que achávamos que tínhamos construído. De um momento para o outro, vemo-nos sem o nome da “coisa” e isto desorienta-nos – ficamos perdidos dentro da “coisa” que acabamos de criar e não a conseguimos identificar. Talvez a “coisa” seja a mesma, talvez seja outra “coisa” (MARINHO; CARVALHO, 2014). Os termos que desde os finais do século XX são apresentados para definir esta nova era é de uma variedade alucinante. Entre as várias possibilidades, o conceito de pós-modernidade emerge como resposta à incógnita que nos atordoa.

Para uns, a certeza do encontro do código linguístico perfeito para designar e interpretar a era em que hoje vivemos, assente num desenvolvimento desenfreado

³ No Brasil – Formação continuada.

das tecnologias de informação, numa globalização da própria informação e numa comunicação da mundialização da economia; para outros, a incerteza e até o total desacordo do nome escolhido para o batismo (ibidem). Existem também aqueles que, embora não designando uma nova fase, consideram que “encontramo-nos hoje numa era moderna que perdeu contato com as raízes da própria modernidade” – Berman (1982, p. 17).

Giddens (1996, p. 2) refere que “longe de entrarmos numa época de pós-modernidade, estamos, antes a iniciar uma época em que as consequências da modernidade se mostram mais radicalizadas e universalizadas do que antes”. Ou seja, todo este contexto histórico que vivemos é um resultado de todo o processo da modernidade.

De outra forma, Alain Touraine (1998, p. 14) referencia este momento, onde a cultura já não é o comando da organização social e esta já não comanda a atividade técnica e económica – “Cultura e economia, mundo instrumental e mundo simbólico estão a separar-se”, alvitando outro conceito para definir e caracterizar melhor este turbilhão que o mundo parece ter entrado e dele não quer sair – a desmodernização. Segundo ele, a sociedade cai enquanto modelo de ordem, o que leva a uma “crise social” onde a globalização é a base de suporte. Deixamos de ser aquilo que fazemos para nos tornarmos “estranhos às condutas que nos fazem ter os aparelhos económicos, políticos ou culturais que organizam a nossa experiência” (1998, p. 35). Desmodernização designa, então, esta “ruptura dos elos que unem a liberdade pessoal e a eficácia coletiva” (ibidem, p. 43), a existência de uma “dissociação da economia e das culturas e pela degradação de uma e outra como consequência directa”. Figuram-se, desta forma, dois aspetos complementares – “desinstitucionalização” (enfraquecimento ou até desaparecimento das “normas codificadas e protegidas por mecanismos legais” dando como exemplo a família e a escola onde o cenário de decomposição é bem patente e constante) e “dessocialização” (desaparecimento das normas e valores sociais que estruturavam a

vida quotidiana), trazendo a vida privada para o debate político através dos novos movimentos sociais.

Neste contexto verificamos que a complexidade e desorientação de caracterizar e definir a fase sócio-cultural que vivemos é sem dúvida atordoante. Mas, o que é pertinente aqui demonstrar é que de fato a modernidade tida como uma forma de organização da vida social que surgiu no início do século XVII na Europa e que se foi universalizando, constituindo-se através de uma crença na ciência, a qual permitiria tornar o mundo muito mais seguro e controlado e criar oportunidades de emancipação humana – liberdade e igualdade (GIDDENS, 1996) – fracassou no seu objectivo.

O que atualmente constatamos, é que a modernidade falhou e ainda não concretizou as suas promessas de emancipação, de liberdade e igualdade para todos, arrastando as sociedades para desordens complexas, fazendo emergir um novo conceito que de momento parece ter contagiado tudo e todos – A crise. O mundo vive em crise: as instituições, a economia, o trabalho, a escola, o profissional, o indivíduo – crise das identidades.

Neste vórtice de crises patológicas, a escola é de momento uma das organizações que mais é afetada e lhe é exigida respostas urgentes à desordem que está estabelecida. Porque afinal, ela também não respondeu às promessas da modernidade, onde fora utilizada como regulador central da nova ordem social. Em pleno século XXI ainda não consegue cumprir esse mandato e todos os dias lhe são imputadas responsabilidades e, conseqüentemente, àqueles que nela circulam. Neste contexto, a profissão docente é aquela que vivencia ferozmente este conceito de crise instalado, estando de momento a lutar entre dois pólos antagónicos. De um lado, aqueles que desorientados tentam construir uma nova identidade profissional para de novo encontrar uma ordem, e de outro, aqueles que teimam em se prender a uma identidade já perdida e mutilada por todo este processo de transformações acontecidas na vida individual e social.

Identidade - um processo em constante construção

Vários conceitos e abordagens poderemos encontrar sobre a identidade, umas focalizam mais o indivíduo como o centro de toda a construção, e outras apresentam uma interligação entre o social e o individual como a plataforma mais sustentada no processo de construção da identidade. Erikson (*apud* LOPES; RIBEIRO, 1997, p. 138) define a identidade pessoal como sendo

Um sentimento envigorante de continuidade e uniformidade que se alimenta de percepções do próprio, informadas por percepções dos outros que contam - sendo também uma variante individual bem sucedida dos modos de dominar a experiência presentes na identidade grupal.

Dois pilares importantes neste conceito - unidade e continuidade em todo o processo de desenvolvimento na construção da identidade do sujeito. As possíveis mudanças que possam ocorrer na história do sujeito, não são aqui consideradas como algo que destabilize e desorganize, pois, todo o processo é concretizado numa continuidade e uniformidade, não omitindo, no entanto, a necessidade de pertença a um determinado grupo ou comunidade. Contudo, esta concepção centrada na estabilidade, é hoje, sem dúvida, transposta, já que nestes momentos de desordem o processo de construção de identidades também ele foi afetado tomando outros caminhos na sua própria construção ou reconfiguração, em que a estabilidade anteriormente enfatizada passou para a centralidade no processo de mudança e o individual no social.

Neste sentido, Lopes e Ribeiro (1997), apresentam a construção de identidades como um processo que se desenvolve através da interação entre o individual e o social, remetendo à heterogeneidade de identidades integradas num todo estruturado. Ou seja, a identidade constrói-se na relação com as experiências variadas que ao longo do desenvolvimento pessoal e social do sujeito vão emanando.

A metáfora do corpo é aqui bem representada, pois, através de uma diversidade de membros e órgãos todos eles num sentimento de unidade formam e

trabalham para a sobrevivência desse mesmo corpo. O sujeito é emaranhado de identidades ao longo da sua história de vida – identidades sociais de trabalho (profissional), identidades coletivas, ou seja, múltiplas identidades sociais se vão urdindo ao longo do percurso do sujeito. Rossan (*apud* LOPES, 2001) propõe um protótipo para a configuração identitária pessoal – um núcleo e uma periferia. No núcleo encontram-se os “conteúdos centrais para a definição da identidade”, na periferia encontram-se as relações que uma identidade constitui com outras.

As múltiplas identidades sociais vão-se organizando na periferia do núcleo da identidade pessoal, sendo esta a responsável como referencia Lopes (2001) pela unidade e continuidade do *Self*. O indivíduo é assim, o suporte organizador da heterogeneidade de vivências, sem pôr em causa a sua unidade e continuidade, onde a identidade pessoal, sociais e profissionais se vão desenvolvendo num processo constante de construção, em que a facilidade ou dificuldade de mudança está subjugada à identidade e ao local que queremos ou desejamos intervir – núcleo ou periferia.

A escola e, conseqüentemente, a identidade profissional do docente assumem aqui um lugar de destaque, porque se caracterizam, de momento, como sendo aquelas que foram mais afetadas pelas mudanças e transformações sociais, que pelo fato de estarem demasiado expostas à opinião pública, se exige uma mudança urgente e radical.

A Escola – um lugar de construção e mudança

Em inúmeros contextos, como já foi analisado, anteriormente, vamos construindo as nossas identidades. A escola emerge como um desses contextos que acolhe inúmeros autores e atores, sendo os professores uns desses, que cotidianamente vão estabelecendo relações nas várias dimensões das suas práticas – profissionais na instituição, formação e na relação consigo mesmo. Neste sentido,

Lopes (2002, p. 130) referencia o contexto escolar como um meio propício à produção de identidades, ao referir que:

O currículo no quotidiano escolar é uma paleta de ofertas experienciais sulcadas no tempo, na duração, [...]. Ele é esta oferta de desenvolvimento concreto, que inclui elementos que se estendem desde as infra/estrutura e macro/estrutura às pessoas reais (pessoal docente, auxiliar, alunos, pais e outros) em toda a sua diversidade [...] o currículo do quotidiano escolar “forma” as pessoas, individuais e colectivas, que nele vivem. Em suma, produz identidades.

Neste lugar de construção e afirmação de identidades profissionais e individuais, torna-se pertinente realizar uma retrospectiva pelo passado, vivenciar o presente e olhar para um futuro que se aproxima e por muitos almejado. Num cenário em que o paradigma da complexidade desponta, só será possível compreender o caminho complexo e desordenado que as identidades profissionais docentes estão a percorrer, exigindo a construção de “novas” identidades profissionais e até pessoais, perscrutando o percurso já construído e desenvolvido.

Um passado na lógica da integração

A modernidade “serviu-se” da escola, como já foi referido, como regulador de uma nova ordem social que até aí parecia estar desordenada e ao abandono (talvez hoje a desordem esteja a ocupar de novo o seu lugar). O Estado é então, o grande regulador e controlador das relações sociais, onde a escola tem o papel fundamental, e os professores utilizados como os principais agentes dessa regulação, através da transmissão das normas e valores estipulados pelo poder central. A escola serviu assim, de promotora dos valores institucionalizados, por uma homogeneização dos seus alunos, assente numa socialização primária em que as relações sociais foram marcadas, sobretudo pela dominação/subjugação, conseqüentemente, “legitimando uma hierarquização social de classe com uma hierarquia social de saber, traduzindo,

assim, também os votos de igualdade numa desigualdade merecida” (LOPES, 2001, P. 276).

Neste cenário, a identidade profissional docente é detentora de um poder pelo saber, mas este é caracterizado apenas por um saber “quanto baste”, sendo concebido apenas o direito de semi-profissionais, assente numa feminização profissional como forma de contenção dos salários e da “impermeabilidade do saber educacional”.

Um presente na lógica da estratégica

A crise da ordem anteriormente estabelecida, ou seja, a crise da sociedade moderna transfere-se para uma crise da identidade profissional docente. O Estado apresenta-se numa constante ambivalência entre a regulação, centralização e um discurso de autonomia das escolas, responsabilizando estas e os professores pela a sua atuação e o seu sucesso e/ou insucesso. Neste contexto, tem se vindo a verificar um paradoxo neste processo de autonomia, em que o poder central dá e retira. Não será esta falta de orientação e de procedimentos mal geridos consequências das crises instaladas? O próprio Estado, já não consegue também ele ordenar o que a desordem desordenou?

A escola vive esta instabilidade em que os professores são absorvidos nesta crise permanente, vivenciando também eles uma crise de identidade pessoal e profissional, caracterizada por um “mal-estar” docente. Lopes (2001) aponta este “mal-estar” docente para várias dimensões - motivações, contexto sócio-educativo e contexto escolar. Neste espaço tempo é centralizada uma interrogação constante ao trabalho realizado pelos professores, vendo estes os seus saberes e conhecimentos a serem postos em causa, encontrando-se no dilema entre o “amor e o controlo” (ibidem), vivendo uma constante desmotivação pelo seu trabalho e respetiva profissão. As relações interpessoais existentes entre pares são desenvolvidas num clima de hiper-cuidados e para muitos em um clima de “medo”, ou seja, cuidado e

medo nos seus discursos e ações, no sentido, que estas não possam provocar qualquer instabilidade a si e ao outro.

É neste sentido, que se um dos pares oportunizar algo de inovador, em seguida é sujeito à crítica e, conseqüentemente, enquadrado por aqueles que não desejam e não aceitam a inovação e a mudança. Os inovadores remetesse assim, a um silêncio “lancinante”, dificultando a existência de uma cultura de colaboração (HARGREAVES; FULLAN, 2012), partilha de dificuldades, ansiedades, sucessos e insucessos, que de certa medida, poderia ser o pilar primordial para o encontro da construção da sua nova identidade, isto é segundo Marinho, Leite e Fernandes (2011), uma cultura transformadora – de si, dos outros e da organização. Pelo contrário, assentam numa lógica da estratégica, na qual atuam contornando as reformas educativas instituídas pelo poder central e não conquistadas.

Como refere Lopes,

A lógica da estratégica corresponde à lógica da integração posta em ação: a integração assegura o sucesso da estratégia. Subjaz-lhe a metáfora do jogo político, mais que a do mercado. Nela, a identidade torna-se identidade recurso e o sistema é campo concorrencial (2001, p. 129).

É nesta plataforma, que os professores estão a gerir as suas vidas num contexto de competição entre interesses individuais e coletivos, criando rivalidades nas relações que vão desenvolvendo (HARGREAVES; FULLAN, 2012). A identidade individual, por sua vez, fecha-se no seu núcleo, negligenciando as realidades e exigências que cada contexto oferece e solicita.

A identidade grupal é caracterizada por uma divergência entre as concepções dos professores sobre o ensino e a realidade educativa vivenciada. Deste modo, a identidade individual e grupal apresenta uma crise que implora uma atuação urgente para que possa levar futuramente a uma mudança concreta, e assim, à construção de “novas” identidades como forma de responder à desordem estabelecida e vivenciada.

Um futuro na lógica da subjetivação

Sendo a crise de identidades, sobretudo a crise dos colectivos sociais, das normas partilhadas, dos consensos sobre modos de saber e ser e de os aprender, a construção de novas identidades profissionais tem como ponto central a construção de novas identidades colectivas, mais interiores e menos exteriores. Estas fundar-se-ão em novas pessoas, mais sociáveis, e em novos colectivos, mais comunicativos, pois, agora são as pessoas em cooperação que constroem as identidades profissionais (LOPES, 2001, p. 318).

O fragmento acima resumiria o futuro por muitos almejado, e que de certo modo, já se vai alvorando nas culturas profissionais docentes. Com a necessidade do encontro de uma nova ordem e de “novas” identidades para esta “nova era” que surge, onde a crise instalada com o excesso de regulação e com défice de emancipação (SANTOS, 1988) será de tudo pertinente projetar um caminho de mudança.

Pois, se vivemos num momento de crise, este não será estático, porque “não há sociedades meramente estáticas, nem equilíbrios perfeitos, nem inércias absolutas, não há histórias imóveis” (SILVA, 1994), a mudança acontece. E esta mudança não se realiza num corte com o passado e sem ligação com o presente, porque de fato, constrói-se com referências daquilo que nos liga ao passado e ao presente vivido e acontecido. Neste sentido, a construção de “novas” identidades profissionais será efetuada assente nesta base de mudança, não negligenciado o passado – lógica da integração; e do presente – lógica da estratégica, mas através da atribuição de novos significados.

Não obstante, o percurso não é de todo facilitado, já que a complexidade vivida em todo o sistema organizacional e as ideias implantadas na educação, não facilitam este processo. Hastecemos a bandeira da necessidade de um novo rosto para a escola e de novas respostas às necessidades emergentes atuais, contudo, continuamos com o mesmo “hino” da modernidade escrito nos decretos legislados. É necessário olhar para escola com olhos que vêem e sentir, ouvir aqueles que nela circulam e lhe dão vida – Crianças que se desenvolvem e solicitam atenção nas suas

aprendizagens, e professores acorrentados a um colete-de-forças de controle, sem muitas possibilidades de inovar, criar e objetivar sua intenção e ação pedagógica nas aprendizagens e sucesso dos seus alunos e instuição.

Neste sentido, os professores, como tantos outros profissionais em contexto de trabalho necessitam de ajuda e apoio no seu desenvolvimento profissional. A escola é um lugar de identidade em que se cultivam “culturas de colaboração – valorizando os indivíduos como pessoas e as suas contribuições individuais; a interdependência: pertencer a um grupo e trabalhar em equipa e valorizando a segurança e a abertura: aprender com a diferença” (LOPES, 2001, p. 396). É neste contexto que é solicitado a reflexão sobre a prática assente num processo de investigação-ação, contextualizando cada espaço e cada momento de ação.

Neste pressuposto a escola dever-se-á constituir reflexo de uma verdadeira comunidade democrática assente numa política da vida e política emancipatória, que levem à produção de coletivos de comunicação localizados (LOPES, 2001). Na escola, com os professores, constrói-se a mudança e produzem-se identidades que já não se sobrepõem, mas complementam-se, em que a identidade individual não é silenciada, interligando-se com todas as outras numa base de aceitação da alteridade que possa existir e assim, numa lógica da subjetivação construir um futuro mais promissor para toda a comunidade educativa.

A concretização deste futuro poderá ser uma utopia, contudo, é necessário caminhar neste sentido, que com certeza levar-nos-á à concretização cada mais de sociedades mais democráticas. Há que ativar esforços e ferramentas que possam contribuir para a esta mudança tão solicitada e desejada. Neste caso específico, a formação contínua dos professores poderá ser um desses processos a mobilizar para a (re)construção de “novas” identidades.

A formação contínua – na construção das “novas” identidades

Sendo as escolas os lugares em que as identidades profissionais docentes se vão (re)construindo, é fulcral que toda a formação que possa ser projetada e efetuada para a comunidade escolar, seja concretizada na própria instituição. Pois, é na contextualização dos fatos vivenciados e na realidade de toda a comunidade escolar e educativa, que poder-se-á ser assertivo no desenvolvimento e crescimento pessoal e coletivo. Assim, a formação contínua de professores assume um papel importante para a resignificação da crise da identidade profissional docente.

Uma formação delineada fora dos contextos específicos, transforma-se em uma formação sem efeito sobre mudança desejada e projetada. Neste sentido, a mudança é percebida apenas como uma reforma instituída que será contornada pelos práticos. Como referencia Crozier (1982), reformadores e práticos entram assim numa luta da qual não teremos qualquer ganho possível. É essencial que reformadores e práticos se encontrem numa plataforma comunicacional, em que os saberes e os conhecimentos de todos sejam valorizados. E a partir desta base em que cada um descobre e encontra a razão e necessidade de mudança, poder-se-á construir coletivos que nos levarão verdadeiramente ao êxito dessa mudança.

Nesta linha, Lopes, (2001, p. 387) apresenta a ideia que o formador neste processo de formação contínua deverá ter uma postura de mediador, no sentido de:

fornecer meios e sistematizar, pondo a tónica no processo de aprendizagem do conjunto das pessoas que participam nela e considerando que a mudança só é durável e contínua se os indivíduos aprendam a partir da sua experiência e da do grupo de que fazem parte.

A formação contempla assim, as duas dimensões que deverão estar presentes em todo o processo de formação - o sujeito e o contexto do qual ele faz parte - e a partir deste, despertar e desafiar os professores a investigar e a reflectir sobre a sua ação. Com este procedimento estaremos a oferecer o poder da formação ao formando, reconhecendo-lhe os seus saberes e conhecimentos como o maior relicário de toda ação de formação.

Como nos apresenta Schön (1992), a reflexão na ação e sobre a ação e, conseqüentemente, a partilha entre todos os profissionais, apresenta um valor incalculável, em que estes através do processo de investigação-ação vão transformando as suas práticas, ou seja, vão-se envolvendo num processo de mudança individual e coletiva. A este processo, Lopes (2001, p. 388) apelida como um processo de investigação-ação emancipatória: trabalhar e aprender em conjunto.

Vários instrumentos/técnicas devem ser disponibilizados para que este processo ocorra com êxito para todos os formandos. Um dos instrumentos/técnicas que pode ser utilizado e incentivado é o da escrita de diários ou narrativas biográficas. No desenvolvimento destes é oferecida a oportunidade de reflexão e autoformação sobre todas as vivências e sentimentos que, simultaneamente, são devolvidos em saberes e conhecimentos essenciais para as suas futuras atuações. Nesta perspetiva, a formação poder-se-á constituir numa forma de intervenção para a mudança e, conseqüentemente, um pilar possibilitador de (re)construção de “novas” identidades profissionais.

Considerações finais

Com este trabalho analítico e reflexivo sobre a problemática que envolve o tema das identidades profissionais docentes, constata-se a verdadeira complexidade que assenta todo este processo. As crises instaladas pela desordem social que se têm vindo a acentuar com a queda da ordem social conseguida pela modernidade, estão a provocar uma entropia feroz em várias dimensões sociais.

Neste artigo, tivemos como propósito analisar e refletir sobre o momento crítico vivido e, conseqüentemente, as suas repercussões para toda a vida pessoal, individual e social e, especificamente, nas identidades profissionais docentes, as quais estão a vivenciar este momento como algo “catastrófico” - na “desordem” procurando “uma nova ordem”.

Para melhor clarificar e vivenciar a complexidade que está embebida em todo este processo de construção identitária, torna-se pertinente refletir sobre o passado e o presente das identidades profissionais docentes, e a partir dessa reflexão e entendimento referenciar o futuro que se deseja que de certa forma já começa por emergir nos respectivos contextos como resposta à desordem que se estalou momentaneamente. Pois, só pelo meio de uma análise do percurso percorrido ao longo do tempo, poder-se-á compreender e esclarecer como as identidades profissionais docentes se foram desenvolvendo e transformando. Identidades essas, que se encontram num processo instável em que procuram uma nova reconfiguração e construção para dar resposta às exigências que os contextos lhe impõem.

Neste sentido, a formação contínua assumindo um percurso metodológico de investigação-ação, emerge como um processo possível para a mudança requerida. Como refere Dubar (1997), a formação é a forma pela qual se pode intervir nas dinâmicas identitárias. Sendo assim, apostar com qualidade em todo o sistema de formação contínua de professores pode contribuir de forma significativa para a reconstrução de um percurso também ele mais significativo nas concepções, conhecimentos, saberes e, concomitantemente, nas práticas dos sujeitos.

Professional Identities teachers - in the “disorder” building a “new order”

Abstract: This article has as main objective to discuss and analyze reflectively identity of teaching professional within an epistemological framework that provides the opportunity to observe and characterize the societal scenario that is experienced, which is consigned by identity processes in crisis in various dimensions and contexts – between an established "disorder" and a desired "order". It is within this reflective framework and assuming the school context as space situational of training processes and methodological processes of action inquiry that we propose the possibility of the emergence of building “new” identity of professional teachers.

Keywords: professional identities teachers; Lifelong Learning; action research

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade**. Lisboa: Edições 70, 1982.

CROZIER, M. Mudança individual e mudança colectiva. In: **Mudança social e psicologia social**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, p. 69-81.

DUBAR, Claude. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. 3ª Edição, Oeiras: Celta Editora, 1996.

HARGREAVES, A.; FULLAN, M. **Professional capital: transforming teaching in every school**. New York: Teachers College Columbia University, 2012.

LOPES, Amélia . [Constructing professional identities in portuguese primary school teachers - Some relevant conclusions of a study based on the interpretative paradigm](#). **Identity: An International Journal of Theory and Research**, vol. 2, nº3, p. 241-254, 2002.

LOPES, Amélia; RIBEIRO, Agostinho. Identidade e Docência: Dilemas, Prisões e Libertações. In: Albano Estrela et al (Org.). **Contributos da Investigação Científica para a Qualidade do Ensino. Actas do III Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**, II Volume, Porto: SPCE, 1997.

LOPES, Amélia. **Libertar o desejo e resgatar a inovação - a construção de identidades docentes**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001.

LOPES, Amélia. O currículo no quotidiano escolar e construção de identidades: o “fora” e o “dentro” das mudanças. In: **Currículo e produção de identidades**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, 2001.

MARINHO, P.; CARVALHO, E. Da particularidade à globalidade dos discursos de uma nova era: a essência da “coisa” ou a “coisa” da essência. **Revista Teias**, v. 15, n. 35, p. 202-221, 2014.

MARINHO, P.; LEITE, C.; FERNANDES, P. Formative assessment and teacher professional cultures. **Curriculum and instruction: practices and projects**. Abstract book, p. 188-189. Eskisehir. Anadolu University, 2011.

SANTOS, Boaventura Sousa. O social e o político na transição post-moderna. **Comunicação e Linguagem**. 6/7, 1988.

SILVA, Augusto Santos. Alguns temas para pensar a mudança social. **Educação, Sociedade e Culturas**. Vol. 1, 1994, p. 105-128.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: António Nóvoa (Ed). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992, p. 79-91.

TOURAINE, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.